 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A import?ncia dos estudos sobre a morte ? ineg?vel. Nem sempre teve a aten??o adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em v?rios dom?nios do conhecimento. A morte ? um fen?meno f?sico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de m?ltiplas formas que implicam os vivos na situa??o de observadores da morte do outro. Mas h? tamb?m a n?o-morte: a carne ?morre? mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o di?logo com a antropologia ? fundamental. Estudos comparativos tamb?m s?o bem vindos, e os enfoques dever?o questionar e contextualizar as teorias hegem?nicas ocidentais sobre a morte. Prefer?ncia ser? dada a etnografias que versem sobre a tem?tica, em situa?es como o suic?dio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doen?as, a morte misteriosa, o infantic?dio, o assassinato, o fenecimento e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos pol?ticos, sociais, biol?gicos e culturais.

Corpos dilacerados: violência urbana e o cenário de crescentes conflitos em Fortaleza.

Autoria: Suiany Silva de Moraes, Ítalo Barbosa Lima Siqueira Maria Izabel Feitosa Accioly

A experiência urbana contemporânea é reveladora de certos perigos. Nesse contexto, a cidade de Fortaleza se converteu em cenário de dramáticos conflitos e múltiplas formas de violência. A crueldade aparece como ritualização das maneiras de matar e fazer sumir os sujeitos em suas margens urbanas. Marcado com uma das mais altas taxas de homicídios do Brasil, a cidade concentra a expansão do uso de armas de fogo, confronto entre bandos armados pelo controle do mercado de drogas e altas taxas de letalidade em seus bairros. Na presente comunicação, objetivamos refletir sobre a rotinização da crueldade e da execução como recurso para operações de poder e potencialização do caráter seletivo e diferenciado da violência. As percepções, as vivências cotidianas, os afetos e as emoções vão sendo impactados com as figurações da violência que afetam a experiência social urbana. Em nossas incursões etnográficas, percebemos que viver em territórios em disputa marca as trajetórias de nossos interlocutores em eventos emblemáticos que modificam a organização simbólica do mundo dessas pessoas inseridas no contexto dos homicídios, massacres e chacinas. A sujeição de corpos subjetivados pelo crime aparece nas narrativas daqueles que consideram o envolvimento com práticas criminais, como condição de vidas matáveis, desvelando a precariedade da vida na cidade de Fortaleza. A pesquisa acompanhou a trajetória de pessoas “envolvidas” com o crime, consideráveis “matáveis”, criou relações e empatias que foram desenvolvidas por observações e vivências nas ruas da cidade. Compreender os processos sociais do extermínio, significa refletir sobre os estigmas que aumentam consideravelmente as possibilidades e as de forma de letalidade. A banalização dessas mortes visa o terror e as suas marcas desencadeiam, em seu desfecho imediato, alterações nas rotinas e redes de sociabilidade. Nos casos específicos das mortes de “envolvidos”, essas se apresentam de modo ritualizado, pois emergem as proibições e liminaridades entre dominantes e sacrificados. Desse modo, se faz cada vez mais urgente refletir sobre os problemas que envolvem as narrativas de vida e morte nas periferias de Fortaleza. Por fim, interessa-nos discutir as problemáticas e dilemas que envolvem pesquisa em contextos marcados pela conflitualidade.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**